



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento
Comunicação Oral

UMA PISCADELA CLASSIFICATÓRIA PARA OS ACERVOS INDÍGENAS¹

A CLASSIFICATION BLINK FOR INDIGENOUS COLLECTIONS

Rodrigo Piquet, Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio
rodrigopiquetuff@hotmail.com

Rosali Fernandez de Souza, IBICT
rosalifs@gmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda alguns aspectos sobre a leitura de acervos de natureza etnográfica de interesse para a organização e representação da informação. Especificamente, trata das fotografias produzidas nas expedições científicas coordenadas por Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor em trabalhos realizados pelo Serviço de Proteção aos Índios - SPI, acervo que hoje se encontra no Museu do Índio. Foram identificadas categorias temáticas significativas das imagens da comunidade indígena analisada e dos contextos de produção documental das expedições. Como resultados principais destacam-se aspectos da valorização da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor como também da diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira apontada por Darcy Ribeiro. Assim, na pesquisa desenvolvida foi possível compreender de que forma o olhar do etnólogo se realizou para com os índios e como tal piscadela se desdobrou para a formação de outras categorias temáticas que pudessem demonstrar não apenas a cultura de um determinado povo indígena, mas também a diversidade étnica-cultural do povo brasileiro.

Palavras-chave: Museu do Índio. Coleção iconográfica. Classificação de fotografias. Darcy Ribeiro.

Abstract: This paper discusses some aspects of reading collections of ethnographic interest for the organization and representation of information. Specifically deals with photographs produced in scientific expeditions coordinated by Darcy Ribeiro to Urubu-Kaapor Indians on work undertaken by the Serviço de Proteção aos Índios - SPI, collection that today is the Museu do Índio. Significant themes of the images of the indigenous community analyzed and documentary production contexts of expeditions have been identified. The main results stand out aspects of the appreciation of the ethnicity of the Urubu-Kaapor Indians as well as ethnic and cultural diversity of Brazilian society pointed out

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

by Darcy Ribeiro. Thus, in the developed research it was possible to understand how the look of the ethnologist was held for the Indians and as such wink unfolded to the formation of other themes that could demonstrate not only the culture of a particular indigenous people, but also the ethnic and cultural diversity of the Brazilian people.

Keywords: Museu do Índio. Iconographic collection. Classification iconographic. Darcy Ribeiro.

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais características dos acervos iconográficos que retrata a temática indígena refere-se às peculiaridades encontradas em cada grupo étnico, assim como a diferenciação pelas mesmas representadas. As imagens contidas em acervos fotográficos, como as encontradas no Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio, constituem num repositório com potencial identitário para reconstituir as formações culturais.

Neste trabalho, são apresentados alguns resultados da pesquisa desenvolvida ao longo da dissertação de mestrado intitulada “Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira” com base no acervo iconográfico em questão.

A comunidade indígena estudada foi a dos índios Urubu-Kaapor, localizados na Terra Indígena Alto Turiaçu, na região de divisa entre os Estados do Pará com o Maranhão. O trabalho realizado analisou de forma exploratória o acervo documental imagético das expedições científicas realizadas e idealizadas por Darcy Ribeiro nos anos de 1949 e 1951. Os acervos iconográficos em questão pesquisados foram registrados por: Heinz Foerthmann e pelo próprio Darcy Ribeiro, respectivamente na Primeira e Segunda Expedição Científica junto aos índios Urubu-Kaapor. Podemos, em virtude dos registros realizados por ambos, trazer como alusão a “piscadela”, no sentido de nos referirmos ao clique da máquina fotográfica na tomada de uma imagem, como aquela formulada pelo antropólogo Clifford Geertz:

Vamos considerar, diz ele, dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmara, numa observação “fenomenalista”, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros. Conforme salienta Ryle, o piscador executou duas

ações - contrair a pálpebra e piscar - enquanto o que tem um tique nervoso apenas executou uma - contraiu a pálpebra. Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura - *voilà* - um gesto (GEERTZ, 2008, p. 5).

Portanto, o pesquisador que tem por objeto de estudo compreender uma coleção iconográfica de origem étnica poderá também compreender como se deu a formação identitária do acervo em questão, como também na construção da coleção imagética a ser constituída no Museu do Índio.

Cabe também destacar que além da importância dos acervos para a reconstituição de certos signos culturais dos povos indígenas, os próprios arquivos imagéticos de natureza étnica também se constituem como uma fonte de poder para os próprios povos indígenas:

O valor probatório, por exemplo, do registro de indígenas em localidades do território brasileiro é de fundamental importância na formação dos relatórios antropológicos que fundamentam as demarcações de terra indígena. Porém, as informações contidas nestes mesmos documentos não estão descontextualizadas da época em que foram escritas, estando marcadas por múltiplas narrativas de vozes que estão em disputa pela hegemonia dos discursos produzidos pelo Estado (MELLO, 2014, p. 62).

Por fim, foi possível realizar uma elaboração intelectual que nos permitiu chegar a dez categorias temáticas do acervo imagético estudado que pudessem sustentar a argumentação de que mais do que tratar sobre um povo indígena em particular, Darcy Ribeiro na qualidade de prócer das expedições científicas realizadas, tinha como noção que a cultura indígena fazia parte de um panorama maior, que compreendia também a diversidade étnica-cultural brasileira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa teve como parâmetro uma abordagem multidisciplinar, que pudesse contemplar o fenômeno informacional nas mais diversas manifestações. Assim, foram utilizados referenciais teóricos oriundos das Ciências Sociais, como também das pesquisas de cunho imagético fotográfico e da Ciência da Informação.

A seguir, uma contribuição importante para o entendimento das tensões no acolhimento de registros realizados em áreas indígenas e depositados em instituições do Estado, como também a disputa por hegemonia entre as partes interessadas que se desenrolam quando abertas as possibilidades de formação perene em repositórios institucionais:

Há um entrecruzamento de práticas documentárias e ações de informação, herdadas, e mantidas sempre em negociações, por uma diversidade de agenciamentos, que, ao fim, e ao cabo, fazem com que reconheçamos algo como documento ou como informação. Isto nos indica um único circuito de produção e de reprodução das “realidades” documentais e informacionais. Uma vez que tais “realidades” são aceitas, sejam como provas, comprovantes, evidências, aquilo que transforma estruturas, unidades de conhecimento, produção de sentido, ou outras definições que possamos para elas encontrar, podem-se examinar as práticas documentárias e as ações de informação enquanto políticas difusas e seus efeitos na construção da memória (FERNANDES, 2011, p. 220-221).

Quanto à formação dos repositórios imagéticos no Museu do Índio, há a importância da classificação para o desenvolvimento da organização do conhecimento, como também numa eficaz recuperação da informação para que interessados pela temática indígena, como pesquisadores e até mesmo os próprios indígenas. Destarte:

A função que a classificação desempenha na organização do conhecimento é das mais importantes, mesmo imprescindível; concorre efetivamente para que sistemas de recuperação da informação alcancem seu principal objetivo: satisfazer as necessidades de informação e documentação de seus usuários (SOUZA, 1977, p. 3).

A pesquisa caminhou focada na importância dos estoques informacionais em repositórios do Estado, assim como para a própria classificação atribuída que sempre se constitui num ato de escolha daquele que define uma política documentária num determinado universo circunscrito, como o realizado no âmbito do Museu do Índio. Como afirma Piedade (1977, p. 14) “existem tantas classificações quantas forem às características possíveis de serem empregadas como base da divisão”.

No que cabe a pesquisa iconográfica empreendida e os significados do ato fotográfico, nos utilizamos, dentre outros autores, do pensamento de Boris Kossoy e a tentativa do fotógrafo em interferir na produção iconográfica:

As possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e portanto na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia. Dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, deformando a aparência de seus retratados, alterando o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, o fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma. [...]. Entre o assunto e sua representação ocorrem uma sucessão de interferências ao nível da expressão que alteram a informação primeira (KOSSOY, 2009, p. 30).

Como não poderia deixar de ser, a pesquisa também se desenvolve utilizando cânone que fundamentam a Ciência da Informação e seu objeto de estudo. Um dos pesquisadores citados é Borko e sua discussão sobre Documentação. Para este autor, a documentação tem o papel de desenvolver mecanismos de acesso a estoques informacionais. Porém, estes

repositórios devem estar circunscritos para uma clientela específica, informação esta que estará disponibilizada mediante instrumentos documentários específicos de classificação, tais como tesouros e vocabulários controlados. O autor parte da questão básica sobre o conceito de Documentação:

O que é então a documentação? Documentação é um dos muitos componentes aplicados da ciência da informação. A Documentação está preocupada com a aquisição, armazenamento, repositórios e disseminação de informação documental registrado, principalmente de modo formal e em literatura de periódico. Devido à natureza da coleção e dos requisitos dos usuários, a documentação tende a enfatizar o uso de equipamentos de processamento de dados, reprografia e microformas como as técnicas de tratamento da informação² (BORKO, 1968, p. 5, tradução nossa).

Também um conceito importante de embasamento à pesquisa diz respeito ao fenômeno da representatividade, conceito este abordado por Saracevic, como destacam Pinheiro e Loureiro:

E qual o significado, o sentido de informação na ciência da informação? Quem elabora melhor o conceito, dentro dessa área, é Saracevic, em trabalho de capital importância sobre relevância, conceito ao qual informação está associada. Saracevic distingue informação e informação relevante, esta última relacionada a mecanismos de comunicação seletiva e à orientação aos usuários de sistemas de recuperação da informação. A efetividade da comunicação do conhecimento se dá, segundo Saracevic, na medida de sua transmissão de um arquivo ao outro, ocasionando mudanças. Portanto, relevância é a medida de tais mudanças, e a ciência da informação, ao lado da lógica e da filosofia, apresenta-se como disciplina essencial no território dos estudos e reflexões sobre relevância e, conseqüentemente, informação (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995, p. 6-7).

Cabe esclarecer nessa passagem que a documentação utilizada para a realização da pesquisa se encontra em bases de dados com acesso remoto, respeitada a classificação quando da organização do acervo. Deste modo, além da facilidade da realização da pesquisa pelo ambiente *web*, também se torna possível realizar investigações da classificação realizada quando do momento da organização do acervo na instituição.

Ainda se faz necessário salientar que a migração do acesso à informação para o ambiente *web* não significa numa simplificação do propósito posto para o acervo e no arranjo classificatório a ser realizado, já que os desafios de ordem classificatória permanecem. Souza explica que:

²What then is documentation? Documentation is one of many applied components of information science. Documentation is concerned with acquiring, storing, retrieving and disseminating recorded documentary information, primarily in the form of report and journal literature. Because of the nature of the collection and the user's requirements, documentations has tended to emphasize the use of data processing equipment, reprography and microforms as techniques of information handling.

Como sabemos, o aumento exponencial da literatura por um lado e a diversidade de demandas de informação por outro, incentivou e, até mesmo, provocou ao longo do tempo o desenvolvimento de estudos e pesquisas no campo da organização do conhecimento e da representação da informação. Instrumentos, métodos e técnicas de tratamento da informação se proliferaram. Atualmente, com a introdução das novas tecnologias de comunicação e informação, o problema do tratamento da informação, em sua essência continua o mesmo. O que passa a ser diferente são as novas dimensões das atividades coleta, arquivamento, busca e acesso à informação/conhecimento. Continuam a ter especial interesse o desenvolvimento de instrumentos, métodos e técnicas direcionadas a solucionar os aspectos cognitivos, operacionais e práticos de tratamento da informação (SOUZA, 2000, p. 3).

Quanto à classificação originária do acervo depositado no Museu do Índio, podem ser consideradas duas linhas de raciocínio para explicar o arranjo realizado na instituição:

- A classificação foi realizada de forma intencional, a partir dos fatos que foram se sucedendo cronologicamente quando do registro documental. Para se chegar a esta conclusão, foi necessário um estudo pormenorizado dos diários de campo de Darcy Ribeiro realizado quando das expedições científicas. Importante também explicitar que há uma numeração sequencial em ordem crescente dados aos negativos, sendo que da primeira expedição está em formato 35 mm e da segunda expedição em 6x6 cm, ambos em suporte nitrato;
- Outra linha de raciocínio da pesquisa classificatória do acervo Urubu-Kaapor é uma classificação atribuída tardiamente. É possível supor que um técnico documentalista chamado João Domingos Lamônica, fotógrafo de Rondon que trabalhou no Museu do Índio por mais de 40 anos, tenha realizado num dado momento uma classificação que atendesse o relato de Darcy Ribeiro em seus diários de campo. Até mesmo porque, não há somente os negativos já mencionados, como também há o espelhamento realizado nos contatos em folhas organizadas, trabalho com característica típica do “Seu Lamônica”, como era carinhosamente chamado pelos servidores do Museu do Índio.

Por exemplo, foi possível observar que a classificação realizada no acervo sobre os índios Urubu-Kaapor se coaduna com as duas hipóteses, pois encontramos o acervo arranjado de forma cronológica, como apontada na primeira hipótese, assim como na segunda hipótese é apoiada pela nota de rodapé (n. 11) escrita por Mendes quando explica sobre a organização do acervo do Museu do Índio:

O antigo arquivo fotográfico do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, **quando organizado por João Domingos Lamônica**, era constituído por fichas de contato de negativos 6x6 e por pastas de contatos de negativos 35 mm, chamadas de Fimoteca 35 mm. Nas pastas, as fotografias eram referenciadas pelo título de “Filme” e pela numeração individual em um espelho fotográfico. Por exemplo: Terena, filme nº9, fotos de 287 a 317. Cada “filme” continha cerca de 36 fotografias e um resumo do assunto registrado (MENDES, 2012, p. 250, grifo nosso).

Em virtude da construção intelectual acerca do povo indígena e da formação identitária da sociedade brasileira, foi importante considerar a leitura de cientistas sociais que realizaram reflexões não apenas sobre os povos indígenas, como também daquilo que podemos chamar da civilização brasileira. Dentre os autores citados, temos como expoente o próprio Darcy Ribeiro e suas obras seminais sobre a política indigenista e os próprios povos indígenas, como também o realizado por Sérgio Buarque de Holanda para entender a formação da sociedade brasileira e o conceito de homem cordial. A eleição das categorias temáticas, representadas pelas fotografias das expedições, foi embasada pelas diferentes facetas apresentadas no referencial teórico, assim como pelos relatos de Darcy Ribeiro, quanto à reflexão da relação entre o olhar do etnólogo, do fotógrafo, do profissional da informação e institucional, realizado pelo Museu do Índio para com o povo indígena.

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve por objetivo último compreender, de forma exploratória, o arranjo classificatório realizado no Museu do Índio para identificar as categorias temáticas que pudessem ser apreendidas do universo estudado. Com este intuito, foi realizada busca em fontes primárias.

A fonte primária de magnitude para compreender o contexto de produção das fotografias em questão e qual era o pensamento do idealizador imagético foi a leitura acurada do chamado “Diários Índios” de Darcy Ribeiro quando das expedições científicas realizadas junto aos índios Urubu-Kaapor:

Fato curioso diz respeito à edição de Diários índios, em 1996. Berta [Ribeiro, mulher de Darcy Ribeiro] havia guardado todas as cartas que Darcy lhe enviara, entre 1949 e 1951, quando ele fez duas expedições para aldeias dos índios Urubu-Kaapor. Além disso, os cadernos de campo que Darcy escreveu durante essas viagens e que lhe eram enviados para que, no Rio, ela os datilografasse, também haviam sido preservados. O livro foi o resultado da edição dos cadernos e das cartas, material mantido por Berta por mais de quarenta anos (HEYMANN, 2012, p. 273).

Portanto, uma leitura atenta dos diários produzidos pelo Darcy Ribeiro para a sua amada, Berta Ribeiro, em área indígena, foi de grande importância para a compreensão do

panorama de construção imagética e os revezes passados com os índios em estudo. Isso porque, como típico instrumento de pesquisa etnográfica utilizada por antropólogo em área, os diários refletem as impressões diárias do pesquisador, podendo os personagens do tempo presente nos aproximar daquilo que foi definido como digno de registro por Darcy Ribeiro em área indígena, além de demais elementos identitários da comunidade indígena visitada pelas expedições.

Outro ponto importante para a realização da pesquisa foi a possibilidade de acesso ao acervo imagético das exposições uma vez que o Museu do Índio nos últimos anos empreendeu esforços no sentido de disponibilizar o acesso aos seus arquivos. Assim, a pesquisa ficou facilitada por dois motivos:

1. Toda a documentação imagética encontra-se disponibilizada em ambiente *web*, mais especificamente, as fotografias estão indexadas item a item na base de dados *on-line* do Museu do Índio;
2. O arranjo realizado no ambiente virtual da base de dados do Museu do Índio respeita o arranjo feito quando da organização física do acervo.

A documentação textual do acervo histórico do Serviço de Proteção aos Índios - SPI também foi importante para entender como se deu o contexto de produção e registro imagético do material obtido em região habitada pelos índios maranhenses. Dentre o material textual encontrado é possível destacar os textos intitulados “Relatório de pesquisa 1949/1950 do etnólogo Darcy Ribeiro” e “Quarenta anos de atividades do Serviço de Proteção aos Índios no Vale do Gurupi”.

O próprio Darcy Ribeiro tinha consciência que o material bruto que ele viria a publicar um pouco antes da sua morte, ou seja, os “Diários Índios” seria um dia fruto de reflexões por pesquisadores não somente interessados sobre a temática indígena, mas aqueles também identificados com a complexidade da realidade brasileira, assim como também aqueles atentos aos fenômenos informacionais de cunho epistemográfico:

Não procure aqui teorizações. Este é o material bruto original de que elas são feitas. O importante, a meu juízo, é apresentar estes fatos brutos para que possam ser interpretados e não escondê-los atrás de construções cerebrinas (RIBEIRO, 1996, p. 12).

Existiria, na reflexão proposta por Darcy Ribeiro, uma ação interpretativa do material bruto obtido em campo junto aos índios Urubu-Kaapor e que futuramente teria a necessidade de uma livre interpretação dos dados obtidos em campo. Quem pode atribuir significados para

as ações empreendidas em meados do século XX são os agentes históricos da memória presente. Foi nesse sentido que criamos determinadas categorias temáticas que fossem representativas das expedições científicas, objeto do estudo realizado e a seguir apresentado.

4 AS CATEGORIAS TEMÁTICAS

O conjunto das fotografias produzidas quando da realização das expedições científicas possui ao todo 2083 itens fotográficos de negativos em suporte acetato nos formatos 35 mm e 6x6 cm, todos devidamente identificados e indexados na base de dados do Museu do Índio: a Primeira Expedição Científica resultou em 1097 itens fotográficos e a Segunda Expedição Científica o total de 986 registros imagéticos.

É importante destacar a importância da organização das fotografias no conjunto do acervo do Museu do Índio com o intuito de compreender as decisões da disposição realizada no acervo, assim como das descrições feitas em função da recuperação da informação pelos potenciais usuários.

Como aponta Lacerda sobre organização de fotografias:

As fotografias têm sido sistematicamente organizadas de acordo com o valor informativo do conteúdo da imagem em detrimento de seu valor de prova e do registro da ação documental que as originou, além de serem consideradas, em muitos casos, peças únicas, descritas individualmente, mesmo quando pertencentes a conjuntos documentais mais amplos, em descompasso com os próprios fundamentos da arquivística, que preconizam tanto a manutenção dos vínculos documentais quanto a importância vital da preservação da proveniência dos registros (LACERDA, 2012, p. 285).

Outra marca relevante a ser também destacada diz respeito às novas formações e (re) utilizações das fotografias fora do seu contexto de produção. Isto porque, as produções originais, quando da produção imagética documentária, são realizadas de outra natureza quando, por exemplo, utilizadas na reprodução em livro. Portanto:

Em arquivo, a possibilidade designificado é "liberada" das contingências reais de uso. Mas essa liberação é também uma perda, uma abstração da complexidade e riqueza de uso, uma perda de contexto. Assim, a especificidade das utilizações "originais" e significados que ele pode evitar e até fazer invisível, quando as fotografias são selecionadas a partir de um arquivo e reproduzidas em um livro. (de forma inversa, as fotografias podem sair dos livros e entrar em arquivos, com uma perda similar da especificidade). Então novos significados podem vir a suplantarem os antigos, como o arquivo que serve como uma espécie de "câmara de compensação" de significado³ (SEKULA, [1999?], p. 444-445, tradução nossa).

³ In an archive, the possibility of meaning is "liberated" from the actual contingencies of use. But this liberation is also a loss, an abstraction from the complexity and richness of use, a loss of context. Thus the specificity of "original" uses and meanings can be avoided and even made invisible, when photographs are selected from an archive and reproduced in a book. (In reverse fashion, photographs can be removed from books and entered into

A seguir uma breve descrição das categorias temáticas elegidas no sentido representar não apenas o valor étnico dos povos indígenas, como também étnico-cultural do povo brasileiro, vislumbrados a partir do acervo das fotos das expedições aos índios Urubu Kaapor.

1. Alimentação



FOERTHMANN, Heinz. **Índia Urubu Kaapor torrando mandioca.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15259

Uma das principais características que podemos explicar quanto à temática indígena é a sua alimentação. Foerthmann por meio desse registro retrata a importância da alimentação para os índios. No registro do fotógrafo é possível observar o forno de farinha sendo utilizado pelo indígena que é um tipo de técnica de cozimento do tronco Tupi, donde advêm os índios Urubu-Kaapor. Observamos a explanação sobre as técnicas agrícolas:

Embora as técnicas agrícolas sejam mais ou menos as mesmas entre os vários grupos tribais brasileiros, mesmo assim as sociedades indígenas diferem no que toca à agricultura. Em primeiro lugar, nem todas dão a mesma importância às atividades agrícolas, algumas possuindo roças razoavelmente grandes, como sói ocorrer com os índios do tronco Tupí, e outras, plantações bem pequenas, tal como se vê entre os Timbira ou os Xavante. Em segundo lugar, diferem na ênfase que dão a certas espécies cultivadas. Assim, enquanto a agricultura dos Tupí dá mais importância ao plantio do milho e da mandioca, os Jê Setentrionais e Centrais cuidaram mais do plantio da batata-doce e do inhame, pelo menos no passado (MELATTI, 1980, p. 53).

2. Doença



FOERTHMANN, Heinz. **Índio Urubu carregando criança para o funeral.** Maranhão. Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 tira de negativo, p&b, 35mm – notação: spi14955 – spi14958

Uma das principais marcas da Primeira Expedição Científica diz respeito ao estado de calamidade em que se encontravam os índios Urubu-Kaapor. Havia uma forte epidemia de sarampo que assolava os índios, além da fome endêmica na região. Sobre o assunto, Darcy Ribeiro escreve às vésperas do Natal de 1949:

Novas notícias das aldeias: a epidemia continua grassando. Num dos grupos já morreram quatro mulheres. No outro, dois homens. A nova foi trazida por um casal da aldeia do Serapião, que chegou hoje à procura de brindes. São os pedaços de ferro que trouxemos de Belém para pontas de flechas que começam a entusiasmar o pessoal (RIBEIRO, 1996, p. 83).

Em diversas passagens, o etnólogo relata as graves consequências que traria tanto para a expedição, quanto do ponto de vista humanitário, uma grave epidemia de sarampo para os índios. Os recursos eram poucos e os expedicionários poucos podiam fazer frente a um problema tão amplo.

3. Festa da Nomenclatura



RIBEIRO, Darcy. **Festa da Nomenclatura.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2527.

A Fotografia registra a etnicidade dos povos indígenas, particularmente dos índios Urubu-Kaapor quando da realização da chamada Festa da Nominção, característica única de memorialidade de povos indígenas que habitaram o litoral brasileiro, como dos índios Tupinambá.

Na verdade, como exemplo, a fotografia de um índio Urubu-Kaapor numa Festa da Nominção é apenas um ponto de partida para um maior entendimento das formações que se realizaram quando do registro documentário e do contexto não apenas de produção imagética, como também daquela presente entre o próprio povo indígena.

4. Arte plumária



Colar apito Awa Tukaniwar Fonte: *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1957.

O próprio Darcy Ribeiro relata o quanto ficou encantado com o encontro da arte plumária produzida pelos índios Urubu-Kaapor e a fascinação por sua beleza:

O que mais me fascinou entre os Kaapor foi a beleza incomparável de seus adornos plumários. Colecionando penas e plumas, selecionadas pela forma e pela cor, os Kaapor compõem com elas coroas flexíveis como a asa de um pássaro, penachos que se abrem, se fecham e até esvoaçam, como a cauda de uma ave. Fazem muitíssimos adornos mais, todos belíssimos. Adornados com eles, os Kaapor se dão um pouco a beleza mais bela da sua floresta: a passarada (RIBEIRO, 1990, p. 55).

O exemplo do colar-apito é emblemático no que tange a produção documentária da expedição científica, como também de própria cultura material dos índios Urubu-Kaapor. Representação única desses índios, os adornos plumários compõem a característica mais representativa da cultura material desse grupo indígena.

5. Oratório



FOERTHMANN, Heinz. **Oratório.**
Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios.
1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm –
notação: spi15882.

Partindo da ideia de que durante a expedição científica Darcy Ribeiro estava preocupado em retratar a diversidade cultural encontrada quando da realização da viagem, um ponto de vista imagético apresentado é a fotografia do oratório. Não sendo uma representação típica dos povos indígenas, mas sim de povos sertanejos de origem católica que residiam próximo às populações indígenas, é possível ainda inferir a existência de certo sincretismo entre algumas típicas representações das culturas indígenas e dos habitantes circundantes a esses povos. Darcy Ribeiro relata como encontrou o oratório acima “Aí encontramos uma preciosidade para juntar às imagens de madeira e marfim conseguidas em São Luís e muito melhor. Um magnífico oratório, muito antigo, sem entalhes, pintado no estilo dos altares jesuíticos” (RIBEIRO, 1996, p. 304). Assim:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa o varreria. São bastiões que os quais se escoram (NORA, 1993, p. 13).

6. Negros



FOERTHMANN, Heinz. **Menina negra.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15888.

A ocupação de negros na região de transição da Amazônia brasileira remete aos tempos do Brasil Colônia, no qual os negros foram utilizados de forma massiva pelos grandes engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro. A luta pela libertação da condição aviltante escrava fez com que muitos negros se refugassem para a região onde existissem indígenas.

7. Sertanejos



FOERTHMANN, Heinz. **Sertanejos na porta de casa.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15878.

Além da expressiva presença de índios na região do rio Gurupi, também podemos observar a presença de sertanejos, ou seja, habitantes da localidade que não são identificados como indígenas ou negros. Os sertanejos muitas vezes também são chamados de caboclos.

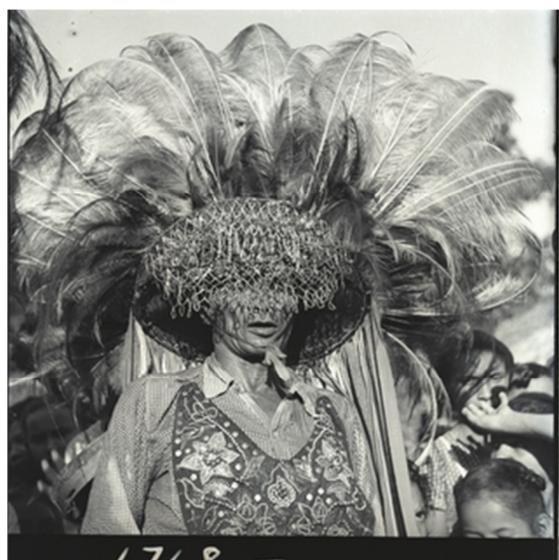
Vejamos:

O único bicho que se multiplicou do rio foi gente, principalmente negros fugidos da escravidão, que foi numerosa no Maranhão, e concentrados em vários quilombos, que acabaram se juntando aqui como a mão-de-obra das explorações de ouro. Há também boa quantidade de caboclos. São mulatos e mestiços paridos principalmente por mulheres indígenas retiradas das aldeias

e fecundadas por brancos e negros. **Seus filhos nasceram soltos, deserdados da cultura índia e da negra, misturando elementos das duas com a européia.** Comportando-se como a praga que realmente somos, arrasaram com a fauna das barrancas do Gurupi. Lá pra dentro, na mata, deve haver muita onça, anta, veado, paca e outras caças, além da passarinhada mais bonita desse mundo (RIBEIRO, 1996, p.70, grifo nosso).

Esta passagem acima revela a mestiçagem existente na localidade habitada pelos indígenas, mestiçagem esta característica da sociedade brasileira e se faz necessário ressaltar o alto grau de vulnerabilidade social em que se encontrava esse estrato da sociedade brasileira.

8. Festa do bumba-meu-boi



RIBEIRO, Darcy. **Vestimenta da festa do Bumba-meu-Boi.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1795.

A Fotografia acima revela típica vestimenta da festa popular realizada no Maranhão, que em tese não teria qualquer relação com o objetivo de Darcy Ribeiro em documentar os índios Urubu-Kaapor. Porém, o objetivo das expedições de Darcy Ribeiro era mais amplo: atribuir valor ao seu registro documental para retratar a diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira.

9. Francis Huxley



RIBEIRO, Darcy. **Francis Huxley com índios Urubu colocando timbo no rio.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1694.

Como já indicado, há uma mudança substancial na configuração de agentes que participariam da expedição científica no ano de 1951. Sobre a composição para a realização da Segunda Expedição Científica, Darcy Ribeiro relata que:

Levo comigo, como companheiro de pesquisa, Francis Huxley, bolsista do Itamaraty, doutorando em Oxford. É antropólogo social, num sentido bem inglês, está particularmente interessado nos grupos tupis e pretende estudar mais detidamente o sistema de parentesco dos Kaapor (RIBEIRO, 1996, p. 301).

10. O Homem Cordial



RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro com índio Urubu.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2602.

A fotografia acima nos leva a considerar que Darcy Ribeiro no momento da realização das fotografias junto dos indígenas buscava trazer elementos que pudessem retratar os indígenas como eles eram, da forma mais natural possível.

É possível ainda extrapolar, inferindo mesmo, que o “mundo civilizado” fica mais em evidência quando observamos Darcy Ribeiro vestido como um típico homem ocidental, não optando por ficar semelhante à vestimenta dos índios Urubu-Kaapor. A formação identitária por meio da vestimenta se faz contundente ao observarmos as diferenças dos modos não apenas de se vestir, como de agir do etnólogo ao se deixar tocar pelo índio Urubu-Kaapor, como se este estivesse surpreso pelo “civilizado” possuir pelos no corpo, no caso, o protuberante bigode de Darcy Ribeiro.

Como síntese desta seção, podemos concluir que as categorias temáticas elegidas representam elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expedições científicas realizadas por Darcy Ribeiro foram representativas no que diz respeito à formação de uma coleção de importância histórica para os estudiosos da temática indígena, como também para aqueles que têm interesse na preservação da sua própria história: no caso, os índios Urubu-Kaapor.

Por mais que Darcy Ribeiro tivesse o cuidado de publicar o seu diário de campo, ajudando em muito a compreensão do trabalho executado enquanto servidor da Seção de Estudos do SPI, a preservação deste material no âmbito do Museu do Índio foi fundamental para a perenidade do acervo imagético em questão.

O legado documentário, na forma de textos e imagens, deixado por Darcy Ribeiro para com os povos indígenas do interior do Maranhão, nos proporcionou identificar temas representativos dos índios Urubu-Kaapor no momento das duas expedições, refletidos em dez categorias temáticas. Quanto às características próprias: Alimentação, Doença, Festa da Nominção e Arte Plumária. Quanto a aspectos étnico-culturais: a presença do negro, do sertanejo, e da festividade popular do Bumba-meu-Boi. Deste modo, essas ações documentárias resultaram não apenas no fortalecimento da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor, como também de um leque de diversidade e pluralidade de estratos sociais do país.

Quanto às personalidades envolvidas nas expedições científicas, como a do pesquisador Francis Huxley, mas principalmente do próprio Darcy Ribeiro no contexto do Homem cordial, acrescentamos as palavras do antropólogo Claude Lévi-Strauss sobre o olhar do civilizado para o selvagem e a formação dialética desta dinâmica da alteridade:

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é, por isso, então, que ela nunca está ausente. Quando cometemos o erro de crer que o selvagem é exclusivamente governado por

suas necessidades orgânicas ou econômicas, não reparamos que ele nos dirige a mesma censura, e que, a seus olhos, seu próprio desejo de saber parece melhor equilibrado que o nosso (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 21).

Portanto, é por meio de um olhar específico e dirigido que é possível encontrar uma finalidade prática para a produção de acervos documentários como também para a recuperação informacional destes acervos. Os documentalistas cumprem um papel, seja de delimitar a existência de povos indígenas num determinado território nacional, seja como elemento probatório em ações contra a invasão de suas terras por meio da organização documental. Logo, os repositórios institucionais que salvaguardam a documentação dos povos indígenas atendem o dever de defender a vida dos povos indígenas. Assim, fica clara a importância da formação de determinados acervos em instituição do Estado, ou seja, aquilo que é considerado “digno de conservação” (ROSSI, 2010, p. 89).

As próprias fotografias possuem por natureza um conteúdo multidisciplinar, já que o entendimento do que está inscrito no suporte imagético depende de muitas bases de interpretações teóricas no sentido de compreender o conteúdo presente.

É possível afirmar que, por meio das dez categorias temáticas estabelecidas pela análise da documentação histórica do trabalho do etnólogo Darcy Ribeiro entre os índios Urubu-Kaapor, há uma presença marcante do contexto cultural na qual estava inserido o pesquisador em meados do século XX. Mais do que a dinâmica cultural presenciada, com os olhares obtidos por meio do acervo foi possível aferir a presença de uma rica diversidade sócio-cultural em território brasileiro.

Como consideração final cabe ilustrar o que Darcy Ribeiro tinha como pensamento sobre a chamada civilização brasileira: a importância da diversidade étnica-cultural encontrada no Brasil, ao ponto de declarar que “mestiço que é bom”.

REFERÊNCIAS

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

FERNANDES, G. C. Ações de informação e práticas documentárias como políticas difusas de memória. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 208-226, jan./jun. 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HEYMANN, L. Q. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v.19, p. 261-282, jan./mar. 2012.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LACERDA, A. L. de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 283-302, jan./mar. 2012.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudante de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1980.

MELLO, R. P. S. de. A importância dos arquivos para a garantia dos direitos indígenas. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1-2, p. 56-69, jan./dez. 2014.

_____. **Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira**. 2015. 141 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação)–Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2015.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

PIEIDADE, M. A. Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

RIBEIRO, D. **Diários índios**: os Urubu-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Testemunho**. São Paulo: Siciliano, 1990.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SEKULA, A. Reading an archive: photography between labour and capital. In: WELLS, L. **The photography reader**. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, [1999?]. p. 443-452.

SOUZA, R. F. de. A classificação como interface da internet. **DataGramaZero**– Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-6, ago. 2000.